

Formar o caráter na virtude

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, perguntar-nos realmente, diante de Deus, sobre o que nos falta ainda. Inicia-se então uma batalha para adquirir as virtudes, com o nosso empenho e, sobretudo, com a ajuda do Senhor.

23/10/2015

Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante d'Ele,

suplicou-Lhe: Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna? [1]. Nós, discípulos do Senhor, presenciamos a cena com os Apóstolos e, talvez, nos surpreendamos com a resposta: *Por que me chamas bom? Só Deus é bom [2]* Jesus não dá uma resposta direta. Com suave pedagogia divina, quer dirigir aquele jovem para o sentido último das suas aspirações: «Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma pergunta religiosa, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus, o único que é digno de ser amado "com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente"» [3]

Para entrar na Vida

O Senhor volta, em seguida, às palavras daquela consulta audaz: que devo fazer? *Se queres entrar na vida – responde – observa os mandamentos [4].* Tal como o

apresentam os Evangelhos, o jovem é um judeu piedoso que poderia ter ficado satisfeito com esta resposta; o Mestre confirmou-o nas suas convicções, pois descreve-lhe os mandamentos que tem vivido desde a sua adolescência [5]. No entanto, quer ouvi-los da boca deste novo Rabi que ensina com autoridade. Intui, e não se equivoca, que pode abrir-lhe horizontes insuspeitados. Pergunta: *Quais?* [6], Jesus recorda-lhe os deveres que têm a ver com o próximo: *Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, amarás o teu próximo como a ti mesmo* [7]. São os preceitos – a chamada segunda tábuas – que protegem «o bem da pessoa, imagem de Deus, mediante a *proteção dos seus bens*» [8]. Constituem a primeira etapa, o caminho para a liberdade, não a liberdade perfeita, como afirma Santo Agostinho [9]; dito de outro modo, são um primeiro passo

no caminho do amor, mas ainda não o amor amadurecido, plenamente satisfeito.

Que me falta ainda?

O jovem conhece e vive aqueles preceitos, mas algo no seu interior lhe pede mais; tem que haver – pensa – algo mais que possa fazer. Jesus lê no seu coração: *fixou nele o olhar, sentiu afeição por ele [10]*. E lança-lhe o desafio da sua vida: *Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me [11]*. Jesus Cristo pôs aquele homem perante a sua consciência, perante a sua liberdade, perante o seu desejo de ser melhor. Nós não sabemos em que medida entendeu o convite do Mestre, embora pela sua própria pergunta – que me falta ainda? – pareça que ele esperava outras "coisas para fazer". As suas disposições são boas, embora talvez

ainda não tivesse compreendido a necessidade de interiorizar o sentido dos mandamentos do Senhor.

A vida, para a qual Deus chama, não consiste unicamente em fazer coisas boas, mas em "ser bons", virtuosos.

Como costumava concretizar S.

Josemaria [12], não basta ser bondadosos, mas bons, de acordo com o panorama imenso – *só Deus é bom* [13] - que Jesus abre diante de nós.

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, perguntar-nos realmente, diante de Deus, o que nos falta ainda. Obriga-nos a sair do refúgio confortável de quem é um cumpridor da lei para descobrir que o que conta é seguir Jesus, apesar dos próprios erros. Deixamos então que os seus ensinamentos transformem o nosso modo de pensar e de sentir.

Experimentamos que o nosso coração, antes pequeno e estreito,

dilata-se com a liberdade que Deus nele colocou: *correrei pelo caminho dos vossos mandamentos, porque sois Vós que dilatais o meu coração* [14]

O desafio da formação moral

O jovem não esperava que "o que lhe faltava" fosse precisamente pôr a sua vida aos pés de Deus e dos outros, perdendo a segurança de ser *cumpridor*. E retirou-se triste, como sucede a todo aquele que prefere seguir apenas o seu próprio itinerário, em vez de deixar que Deus o guie e o surpreenda. Deus chamou-nos para viver com a Sua liberdade - *hac libertate nos Christus liberavit* [15] - e, no fundo, o nosso coração não se conforma com menos.

Amadurecer, é aprender a viver de acordo com uns ideais elevados. Não se trata simplesmente de conhecer uns preceitos ou de adquirir uma visão cada vez mais aperfeiçoada das repercussões dos nossos atos.

Decidir-se a ser *bons* – santos, em última análise – supõe identificar-se com Cristo, sabendo descobrir as razões do estilo de vida que Ele nos propõe. Implica, portanto, saber o significado das normas morais, que nos ensinam a que bens precisamos de aspirar, como devemos viver para alcançar uma existência plena. E isto consegue-se incorporando no nosso modo de ser as virtudes cristãs.

Os pilares do caráter

O saber moral não é um discurso abstrato, nem uma técnica. A formação da consciência requer um fortalecimento do caráter que se apoia nas virtudes como seus pilares. Estas são a base da personalidade, estabilizam-na, transmitem-lhe equilíbrio. Fazem-nos capazes de sair de nós mesmos, do egocentrismo, e direcionar o foco dos nossos interesses para fora de nós próprios, para Deus e para os outros. A pessoa

virtuosa está *centrada*, é ponderada em tudo, é reta, íntegra, de uma só peça. Por sua vez, aquele que carece de virtudes, dificilmente será capaz de empreender grandes projetos ou de dar forma aos grandes ideais. A sua vida estará feita de improvisos e oscilações, de modo que não será fiável, nem sequer para si mesmo.

Fomentar as virtudes expande a nossa liberdade. Não tem nada a ver a virtude com a habituação ou com a rotina. Desde logo, para que ganhe raízes um hábito operativo bom, para que cristalize no nosso modo de ser e nos leve a fazer o bem com mais facilidade, não basta uma única ação. A repetição sucessiva, ajuda a que se estabilizem os hábitos: faz-nos bons *sendo* bons. Repetir a resolução de pôr-se a estudar a uma hora, por exemplo, faz com que a segunda vez nos custe menos do que a primeira, e a terceira um pouco menos do que a segunda..., mas deve-se perseverar

na determinação de pôr-se a estudar para manter o hábito de estudo, porque de outro modo perde-se.

A renovação do espírito

As virtudes humanas e sobrenaturais, orientam-nos para o bem, para aquilo que preenche as nossas aspirações. Ajudam-nos a alcançar a autêntica felicidade, que consiste em unir-se a Deus: *avida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste* [16]. Dão facilidade para agir de acordo com os preceitos morais, que já não se veem apenas como normas a cumprir, mas como um caminho que conduz à perfeição cristã, à identificação com Jesus Cristo, de acordo com o estilo de vida das bem-aventuranças, que são como que o retrato do Seu rosto e «referem-se a atitudes e disposições de fundo da existência» [17] que conduzem à vida eterna.

Abre-se, então, um caminho de crescimento na vida cristã, segundo as palavras de S. Paulo: *transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que Lhe agrada e o que é perfeito* [18]. A graça transforma o modo como julgamos os diferentes acontecimentos, e dá-nos novos critérios para atuar.

Progressivamente, aprendemos a ajustar o nosso modo de ver as coisas com a vontade de Deus, que também se expressa na lei moral, de modo que amamos o bem, a vida santa, e gostamos do *que é bom, Lhe agrada e é perfeito* [19]. Alcança-se a maturidade moral e afetiva, do ponto de vista cristão, que leva a apreciar facilmente o que é verdadeiramente nobre, verdadeiro, justo e bonito, e a rejeitar o pecado, que ofende a dignidade dos filhos de Deus.

Este caminho leva a formar, como dizia S. Josemaria, uma «alma de critério» [20]. Mas quais são as características deste critério? Noutro momento, ele acrescentava: «o critério pressupõe maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito, educação da vontade» [21]. Que grande retrato da personalidade cristã: uma *maturidade* que nos ajuda a tomar decisões, com liberdade interior, e a torná-las próprias, isto é, com a responsabilidade de quem sabe dar conta delas; umas *convicções* fortes e seguras, baseadas num conhecimento profundo da doutrina cristã que alcançamos através de aulas ou palestras de formação, de leituras, da reflexão e, especialmente, do exemplo de outros, pois as «verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão» [22]. Isto relaciona-se com a *delicadeza de espírito*, que se

traduz na amabilidade para com os outros e na *educação da vontade* que se decide a levar uma vida virtuosa. Uma alma de critério, portanto, sabe perguntar-se nas diferentes circunstâncias: que espera Deus de mim? Pede luzes ao Espírito Santo, recorre aos princípios que assimilou, aconselha-se com quem pode ajudar, e sabe atuar em conformidade.

Fruto do amor

Assim entendido, o comportamento moral – que se concretiza em viver os mandamentos com a força da virtude – é fruto do amor, que nos compromete com a procura e a promoção do bem. Um amor assim, vai além do sentimento, que pela sua própria natureza é flutuante e efêmero: não depende dos estados de ânimo do momento, do que me apetece, ou do que me agradaria numa determinada circunstância. Pelo contrário, amar e ser amado

pressupõe um dar-se, que se baseia no atrativo que originam no coração o saber-se amado por Deus e aqueles grandes ideais pelos quais vale a pena penhorar a liberdade: «na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios» [23]

A perfeição cristã não se limita ao cumprimento de umas normas, nem ao desenvolvimento isolado de capacidades como o autocontrole ou a eficiência. Impulsiona, em vez disso, entregar a liberdade ao Senhor, para responder ao Seu convite: *vem e segue-Me* [24], com a ajuda da Sua graça. Trata-se de viver segundo o Espírito [25], movidos pela caridade, de modo que se deseja servir os outros, e compreende-se que a lei de Deus é a via privilegiada para realizar esse amor livremente

escolhido. Não é questão de cumprir umas regras, mas de aderir a Jesus, de compartilhar a Sua vida e o Seu destino, obedecendo à vontade do Pai.

Sem ser perfeccionistas

Este esforço para crescer nas virtudes é alheio a qualquer afã narcisista de perfeição. Lutamos por amor ao nosso Pai Deus e é n'Ele que temos fixo o olhar e não em nós mesmos. Convém, portanto, rejeitar a tendência para o *perfeccionismo*, que poderia talvez surgir, se planeássemos erroneamente a nossa luta interior de acordo com uns critérios de eficácia, rigor, rendimento..., muito em voga nalguns contextos profissionais, mas que descaraterizam a vida moral cristã. A santidade consiste principalmente em amar a Deus.

Na verdade, a maturidade leva a harmonizar o desejo de atuar bem,

com as limitações reais que experimentamos em nós mesmos e nos outros. Às vezes, podemos ter vontade de dizer com São Paulo: *não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço (...) Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* [26]. No entanto, não perderemos a paz, porque Deus nos diz o mesmo que ao Apóstolo: *basta-te a Minha graça* [27].

Enchemo-nos de agradecimento e esperança, porque o Senhor conta com as nossas limitações, desde que nos incentivem a converter-nos e a recorrer à Sua ajuda.

Mais uma vez, o cristão encontra um ponto de apoio na primeira resposta de Jesus ao jovem: *só Deus é bom* [28]. Da bondade de Deus vivemos os seus filhos. Ele dá-nos a força para orientar toda a nossa vida para o que é verdadeiramente valioso, de compreender o que é bom e querê-lo,

de dispor de nós mesmos com vista à missão que Ele nos confiou.

J.M. Barrio – R. Valdés

[1] *Mc* 10, 17.

[2] *Mc* 10, 18.

[3] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-VIII-1993), n. 9. Cfr. *Mt* 22, 37.

[4] *Mt* 19, 17.

[5] Cfr. *Mc* 10, 20.

[6] *Mt* 19, 18.

[7] *Mt* 19, 18-19.

[8] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 13.

[9] Cfr. *In Ioannis Evangelium Tractatus*, 41, 9-10 (cit. em *Veritatis splendor*, n. 13).

[10] *Mc* 10, 21.

[11] *Mc* 10, 21.

[12] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 337.

[13] *Mt* 19, 17.

[14] *Sl* 118 (119), 32.

[15] *Gl* 5, 1

[16] *Jo* 17, 3.

[17] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 16.

[18] *Rm* 12, 2.

[19] *Rm* 12, 2.

[20] S. Josemaria, *Caminho*, Ao leitor.

[21] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 93.

[22] Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), n. 49.

[23] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[24] *Mc* 10, 21.

[25] Cfr. *Gl* 5, 16.

[26] *Rm* 7, 15.24

[27] *2 Cor* 12, 9.

[28] *Mt* 19, 17.